

**NOS CALCANHARES DE ESAÚ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “O
DIÁRIO DE UM COMEDOR DE LENTILHAS”, DE MOACYR SCLiar¹**

**ON ESAU’S HEELS: SOME CONSIDERATIONS ABOUT “O DIÁRIO DE UM
COMEDOR DE LENTILHAS”, BY MOACYR SCLiar**

Kenia Maria de Almeida Pereira*

Resumo

São vários os contos de Moacyr Scliar em que esse autor gaúcho estabelece um diálogo paródico com a tradição bíblica. Neste artigo, enfocaremos esse discurso intertextual humorístico e irônico efetuado por Scliar no conto intitulado “Diário de um comedor de lentilhas”. Nessa narrativa, o autor evoca o duplo Esaú e Jacó, enfocando principalmente o personagem Esaú, bem como as angústias e os dissabores desse gêmeo profano, o qual teria registrado seus infortúnios, advindos de um prato de lentilhas, num confuso diário, encontrado, séculos mais tarde, por estudiosos que se debruçaram sobre esses textos apócrifos.

Palavras-chave: Bíblia, Moacyr Scliar, Esaú e Jacó, Paródia, Ironia.

Abstract

There are several Moacyr Scliar’s tales in which he establishes a parodic dialogue with the biblical tradition. In this paper, we will focus this ironic and humoristic intertextual discourse

¹ Texto originalmente proferido no evento-homenagem a Moacyr Scliar por ocasião do seu 80º aniversário, realizado em 30 de março de 2017 no Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP.

* Professora de Literatura do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia.

executed by Scliar in the tale “Diário de um comedor de lentilhas”. In this narrative, the author evokes Esau and Jacob, focusing mainly the character Esau, as well as the anguishes and displeasures of this profane twin, who would have recorded his misfortunes, caused by a plate of lentils, in a confused diary found centuries later by scholars of apocryphal texts.

Keywords: Bible, Moacyr Scliar, Esau and Jacob, Parody, Irony.

Contudo, eu amei Jacó e odiei Esaú

Malaquias 1:2-3

A história milenar de Esaú e Jacó talvez seja um dos mais fascinantes episódios bíblicos que conhecemos. O tema do duplo, revisitado na narrativa sobre os meninos gêmeos que brigam no ventre da mãe, cercados de bênçãos e maldições, afetos e intrigas, provoca a imaginação de artistas, escritores e poetas ao longo dos tempos. Na literatura brasileira, por exemplo, Machado de Assis, com seu intrigante romance *Esaú e Jacó* (1904), dialoga de forma irônica com a Bíblia, redesenhando pelo viés político o conflito entre os irmãos Pedro e Paulo. As escaramuças entre os gêmeos representariam um Brasil em transição, dividido entre a Monarquia e a República. Para John Gledson (1986, p. 172), embora rivais, quando se trata de política os gêmeos se irmanam num só desejo: “o tipo de poder mais usualmente associado com o outro regime”.

Milton Hatoum, noventa e seis anos depois de Machado de Assis, também irá revisitar o mito bíblico dos irmãos gêmeos, publicando o belo romance *Dois irmãos* (2000). A trama do romance gira em torno do ódio entre dois rapazes de família libanesa, Yaqub e Omar: tão parecidos fisicamente, mas tão diferentes na personalidade e na maneira de encarar o mundo. Enquanto o gêmeo mais velho, Yaqub, alcançava sucesso econômico, o mais jovem, Omar, se perdia entre as mesas dos bares e amores escandalosos. Já no que tange à política, embora ambos tivessem sido avassaladoramente afetados pela ditadura militar, “um [era] conservador, o outro libertário; um apolíneo, o outro dionisíaco” (CECCARELLO, 2011, p. 106).

Recordemos aqui Robert Alter (2007, p. 278), para quem “as histórias bíblicas revelam sutileza e inventividade surpreendentes, bem como, em muitos casos, um acabamento belo e complexo”. Beleza e complexidade, talvez sejam esses os motivos que levam muitos autores a buscar os fios das narrativas bíblicas, a fim de tecerem com eles seus pastiches e paródias.

Mesmo quem nunca leu a Bíblia sabe, mesmo que vagamente, da conflitante e mítica história sobre os irmãos gêmeos Esaú e Jacó. Isaac se casa com Rebeca, mas logo se vê magoado e descontente, uma vez que a esposa era estéril. Restava então a Isaac implorar a Javé que lhe mandasse filhos. Rebeca finalmente engravida de gêmeos, mas se sente atordoada, pois as crianças brigavam em seu ventre.

Finalmente, a mãe ouve do próprio Javé essas frases enigmáticas e proféticas: “há duas nações em teu seio / dois povos saídos de ti se separarão, / um povo dominará um povo, / o mais velho servirá ao mais novo” (BÍBLIA, Gênesis, 25, 23). Esaú, ruivo e peludo, foi o primeiro a nascer. Em seguida, nasceu Jacó, segurando o calcanhar do irmão. Ironicamente, os gêmeos eram desiguais tanto na fisionomia como na personalidade – e o destino traçara rumos opostos para cada um deles. Esaú, o orgulho do pai, era um jovem impetuoso e livre, caçador das estepes. Jacó, tranquilo e caseiro, preferia o aconchego das tendas e o carinho da mãe. Certo dia, quando Esaú volta cansado e faminto para casa, menospreza sua primogenitura, trocando-a por um cozido de lentilhas, preparado pelo irmão.

Anos mais tarde, orientado por sua mãe, Jacó novamente trapaceia, interceptando a benção de seu pai que seria dada ao seu irmão. Quando descobre a trama, Esaú se enfurece e ameaça matar Jacó. No entanto, mais uma vez sua mãe Rebeca intercede a favor dele, fazendo-o fugir para longe de sua terra natal, para a casa de seu tio Labão, onde ele fixa moradia e se apaixona por sua prima Raquel, tornando-se, mais tarde, um rico pastor de ovelhas. Se Jacó sempre foi o protegido de sua mãe Rebeca, também foi o preferido de Javé, que, além de sempre abençoá-lo e protegê-lo, prometeu que ele seria patriarca de uma grande nação e que sua descendência se tornaria “numerosa como a poeira do sol” (BÍBLIA, Gênesis, 28, 14).

Esaú, por sua vez, ao contrário de Jacó, causou muitos dissabores a seus pais, primeiro com o pecado da gula, que o fez perder a primogenitura, depois a ideia obsessiva de vingança contra o irmão, e, em seguida, os vários casamentos profanos que ele contraiu com mulheres estrangeiras. Se Jacó, mesmo com suas artimanhas e logros, passou a ser o afortunado e o benfazejo, o filho da aliança, aquele que daria origem aos filhos de Israel, Esaú, com sua desobediência e revolta, tornou-se o desditoso e o agourento. Seu pai, Isaac, vaticinou-lhe que ele viveria de sua espada e serviria a seu irmão.

Mais tarde, Esaú daria origem aos edomitas, um povo hostil aos hebreus. Tanto ele como sua geração seriam amaldiçoados por Javé, o qual, sem disfarçar suas predileções, nem seu ódio contra o gêmeo avermelhado, revela ao profeta Malaquias: “Contudo, eu amei Jacó e odiei Esaú. Entreguei suas montanhas à desolação e sua herança aos chacais do deserto” (BÍBLIA, Malaquias, 1, 2-3).

No entanto, pelos caminhos da literatura contemporânea, pela senha da desconstrução, naquilo que Derrida (2001, p. 48) chama de “inverter a hierarquia”, Esaú, o proscrito, sai do espaço do repúdio e da penumbra da maldição para se tornar, na pena de Moacyr Scliar, personagem principal de um conto, com direito a voz e a letra, com chances de apresentar e registrar a sua dor e a sua revolta. Em “O diário de um comedor de lentilhas”, narrativa que faz parte da obra *Contos reunidos*, de 1995, Moacyr Scliar simpatiza-se com o gêmeo condenado, recriando-o com o sabor da sátira e colocando-o no centro de sua narrativa. Assim, o autor prefere o edomita Esaú ao patriarca Jacó.

Pela imaginação do escritor, vem à tona um Esaú grotesco, magoado e vingativo pelo fato de ter perdido a primogenitura por um simples prato de lentilhas. Desobediente, desbocado e armado de palavrões, o gêmeo cabeludo deixou suas mágoas registradas em um longo e confuso diário, o qual foi analisado, milhares de anos depois, por alguns estudiosos

que ironicamente acabaram abandonando essa estafante pesquisa para se dedicarem a uma tarefa mais rendosa: uma firma de exportação de soja, leguminosa que, ao contrário da lentilha, é considerada como “o grão de ouro”.

No mundo imaginativo de Scliar, Esaú, ao contrário de Jacó, dominava a escrita e a exercia como forma de vingança, tanto contra sua família como contra o próprio Javé. Se Jacó brigou com o anjo do Senhor, sendo tocado por ele, imortalizando-se por sua coragem em lutar contra o sobrenatural, Esaú brigou com as palavras, redigiu suas reivindicações profanas, insistindo em fixá-las para sempre em velhos pergaminhos. Segundo o narrador, Esaú “Não achava justo que alguns tivessem tudo ou quase tudo e outros não tivessem nada ou quase nada” (SCLIAR, 2008, p. 242).

Esaú escreve porque, afinal, só consegue se fazer sujeito de sua própria história pela arte de narrar. E arte, como bem apontou Deleuze (1992, p. 214-215), “é o que resiste: ela resiste à morte, à escravidão, à infâmia, à vergonha”. E mais: Scliar, segundo Célia Borges Machado (2006, p. 43), concede aos narradores secundários um papel “singular, porque nele o antigo e o novo podem se encontrar, e é exatamente esse encontro que promove a aproximação entre memória e tradição”.

Embora sua escrita viesse eivada com inúmeros “erros de ortografia” e suas mágoas redigidas e entrecortadas por “palavrões”, Esaú tinha posições ideológicas desconcertantes, cunhando frases perturbadoras, como “Caim fez bem feito em matar Abel”, “para os fracos não há lugar nesse mundo”.

O narrador onisciente informa ainda que os manuscritos do gêmeo rebelde foram encontrados recentemente em uma “ânfora de barro”, em uma caverna “não muito distante da presumível morada” desse escriba. Os estudiosos que se debruçaram sobre esses textos verificaram que o diário se inicia “no dia em que ele [Esaú] perde sua primogenitura”, e várias

reflexões sobre a leguminosa, culpada pela tragédia do gêmeo, ocuparão grande parte de seus escritos. Se a lentilha aparece na simbologia como fonte de sorte, riqueza e prosperidade, para Esaú ela foi a causa de sua ruína e perdição.

A trajetória desse anti-herói e seu embate com a presença das lentilhas percorrerão diversas fases, registradas ao longo de seu diário. A primeira se revela como signo de revolta e de desgosto, acentuados com o deboche “de amigos e parentes”. A segunda etapa vem encarnada em forma de queixas e de interrogações filosóficas: “é justo ser despojado de suas prerrogativas alguém que, por fome (e pode haver algo mais humano do que a fome?), cede à chantagem representada por um prato de lentilhas” (SCLIAR, 2008, p. 243).

Já num terceiro momento, Esaú aparece mais apaziguado, afundado no conformismo, pois, “suspeitava que estava no início de um novo caminho em sua vida” (SCLIAR, 2008, p. 242). Finalmente, nas últimas etapas de confronto com a leguminosa, Esaú é acometido de delírios – inicialmente, de viés econômico: começa a crer que ele poderia ganhar dinheiro vendendo o polêmico grão que nomeou de “Lentilha de ouro”, apregoando “Prove a lentilha que seduziu Esaú”.

E, finalmente, um último sonho, última ilusão do gêmeo hirsuto e vermelho, devaneio nitidamente marcado por crenças político-sociais: acreditava que poderia alertar “o povo contra o consumo imoderado de lentilha, defenderia a extinção da primogenitura, lutaria enfim, por um mundo em que todos fossem iguais e em que comer lentilhas não acarretasse perigo” (SCLIAR, 2008, p. 244).

Irrequieto e questionador com seu diário de sintaxe confusa e devaneios questionáveis, Esaú, tentando transformar sua “derrota em vitória”, recusa-se a aceitar sua condição de pária, de personagem marginal. Somente na condição de escriba que ele pôde imortalizar suas dores e reivindicações, embora erre, como outros personagens míticos de Scliar, “solitário pelos

labirintos sem fim da rejeição, da culpa, da discriminação racial, social e econômica, criando como alternativa um segundo mundo cheio de fantasias”, como bem aponta Gilda Salem Szklo (1990, p. 26).

Não se pode esquecer ainda que Moacyr Scliar, em diversos momentos de sua escrita ficcional, retoma outros personagens bíblicos, reelaborando-os sob o signo da ironia e da paródia. Szklo (1990, p. 157) afirma ainda que uma “das características dos muitos contos de Scliar é seu trabalho anedótico, lúdico, que é a marca do conto de fadas, astuciosamente encarando a realidade sob o espelho do humorismo”.

Com sua irreverência e humor, Scliar transgride o cânone sagrado e engendra uma espécie de Bíblia pelo avesso, notável, por exemplo, nos romances *Vendilhões do templo*, *A mulher que escreveu a Bíblia* e *Manual da Paixão solitária*. Se no primeiro e no segundo romance, respectivamente, o escritor parece rir da severidade do Messias e da sabedoria de Salomão, no último, ele troça dos prazeres solitários de Onan.

No que tange às histórias curtas, a ousadia de Scliar novamente surpreende o leitor, uma vez que ele traz, para o centro da narrativa, personagens das margens, considerados secundários, hereges ou desprezados pelas Sagradas Escrituras. No conto “As ursos”, ele dá voz às crianças, vítimas da maldição do profeta calvo, Eliseu. Em “As pragas”, as dez pragas do Egito são filtradas pelo olhar e a escrita de um singelo camponês pobre, que desconhece tanto Jeová como a missão de Moisés.

Assim, como bem afirmou Berta Waldman (2003, p. 119), “a simpatia do autor recai sobre o fraco”, sobre aquele que foi, por séculos, silenciado e renegado. Ou ainda, Scliar deixa falar aquilo que Foucault chama de “os homens infames”. Esaú se insurge, portanto, contra o poder dos homens e de Deus, contra as convenções milenares. Foucault (1996, p. 11), em *A ordem do discurso*, escreveu: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as

peças falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”. Ora, Esaú é perigoso porque questiona, porque coloca em xeque crenças e tradições, porque desafia a fé e “traí os ritos”.

Depois de troçar das diatribes do licencioso Esaú, Scliar aproveita para debochar também dos intelectuais ou daqueles que pesquisam o mundo antigo, supostos arqueólogos peritos em leituras hieroglíficas que se debruçaram sobre o excêntrico documento deixado por um personagem bíblico. Quando percebem que não poderiam extrair desse texto incomum, de complexa sintaxe e rumações fragmentadas, nenhuma utilidade acadêmica que valorizasse seus currículos ou ampliasse os caminhos da ciência, os pesquisadores renunciam aos estudos do diário, dirigindo seus interesses para “campos mais promissores”, como, por exemplo, criar uma firma para exportar soja ou aplicar na bolsa de Chicago.

Dessa forma, se Esaú alfineta seus pais, escrevendo que Isaac contraíra casamento “em um mau momento” de sua vida, sobram também farpas afiadas para o *establishment* acadêmico. Moacyr Scliar contraria ainda os temas literários, em que a maioria deles prefere incensar a figura de Jacó, como em Camões, com os conhecidos versos de “Sete anos de pastor Jacó servia”, ou em Alphonsus de Guimaraens, com a obra *A escada de Jacó*, ou mesmo na imagem alegórica desse patriarca no *Sermão da Terceira Domingo da Quaresma*, de Padre Antônio Vieira.

Curioso que Esaú, mesmo com seus poucos conhecimentos gramaticais e sintáticos, faz opção por registrar seus desgostos pelas páginas de um diário. Sua pouca destreza com as palavras não o impediu de refletir sobre aquilo que lhe era tão precioso: a primogenitura. Sabe-se que o diário, considerado por Foucault uma escrita de si, é uma forma do sujeito elaborar e organizar sua subjetividade fragmentada.

A escrita de diários, cartas, pequenas anotações do dia a dia ou mesmo registros de miudezas sobre o cotidiano, desde a antiguidade, ensina Foucault (1992, p. 129), eram atividades que auxiliavam o sujeito a “ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça)”. Ou, ainda, uma forma de subjetivação do discurso, onde o escriba podia “captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si”.

Dessa forma, Esaú tenta organizar e elaborar sua ruína e desespero, registrando-os rusticamente pelos velhos papiros. Afinal de contas, ele tinha consciência da importância da primogenitura. Sabia que perdê-la seria o prenúncio de seu declínio e de sua decadência, uma vez que perderia o direito de gozar de várias prerrogativas, dentre elas o privilégio de receber o dobro da herança do pai. O direito de primogenitura, explica o Pentateuco, é uma regalia na qual o pai dá ao filho mais velho “porção dupla de tudo quanto possuir, pois ele é a primícia da sua virilidade e o direito de primogenitura lhe pertence” (BÍBLIA, Deuteronômio, 21, 17).

O conto “Diário de um comedor de lentilhas” toca ainda na questão das leis dietéticas e também na culinária do povo judeu. A narrativa faz referências tanto à lentilha como ao cabrito. Segundo Scliar, Esaú não apreciava muito a tal leguminosa, símbolo da comunhão e da alegria, que ironicamente o levaria à ruína, mas adorava a carne de cabrito.

Cercadas de mitos e tabus, com alimentos divididos entre *kosher* e *não kosher*, puros e impuros, as regras da alimentação dos hebreus figuram principalmente em Levítico e Deuteronômio, mergulhadas em um severo código de restrições. Marta Topel (2003, p. 1) observa, por exemplo, que a alimentação de um povo faz parte de um sistema simbólico-social, o qual reafirma a identidade desse grupo, como no caso dos hebreus, em que “as leis de pureza e impureza que prescrevem a dieta dos judeus ortodoxos constituem um exemplo de

como o ato mais mundano e rotineiro, como o de comer, torna-se parte medular da experiência religiosa”.

O prato predileto de Esaú era o cabrito ou o bode, considerado nas simbologias pré-cristãs como portador de intensa virilidade ou “sensualidade indômita” (BIEDERMANN, 1993, p. 56), remetendo-nos claramente aos desejos sexuais intensos do gêmeo ruivo, polígamo, o qual assumiu casamentos com mulheres de diversos grupos étnicos. O cabrito também lembra o bode expiatório, ou o animal que era selecionado para carregar “os pecados de Israel para o deserto no Ion Kipur” (UNTERMAN, 1992, p. 38).

Ora, o bode expiatório tem também a conotação de ser aquele que é escolhido para ser deixado livre na natureza selvagem, o que levará consigo as profanações de todo um povo. Esaú, liberto das amarras sociais, sente-se livre para escrever e denunciar os sacrilégios de sua família. Assim, tem razão Marta Topel (2003, p. 1) quando diz que “as comidas étnicas oferecem um rico jogo de metáforas através das quais se expressam as relações dos sujeitos com um grupo particular”.

Mergulhando assim suas personagens bíblicas nas águas do humor e da ironia, dando-lhes o poder da palavra, tirando-as do espaço do silêncio, estabelecendo simbologias e metáforas com sua *mimesis* incomum, Moacyr Scliar se inscreve no rol dos melhores escritores contemporâneos.

Se para Linda Hutcheon (1991, p. 165) “a paródia não é a destruição do passado”, mas uma forma de sacralizá-lo e de questioná-lo ao mesmo tempo, uma forma de “desestabilizar a convenção”, Scliar enfrenta esse paradoxo pós-moderno, se agarra aos calcanhares de Esaú e acerta o nosso tendão de Aquiles. Ao retomar as Sagradas Escrituras, relendo-as, incorporando-as pelo avesso, Scliar desafia, tal qual o gêmeo insubmisso, tanto o cânone religioso como a tradição exegética, tanto o leitor medíocre como a literatura conservadora.

Bibliografia

- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis 25:23. In: _____. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 65.
- _____. Gênesis 28:14. In: _____. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 70.
- _____. Deuteronômio 21:17. In: _____. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 304.
- _____. Malaquias 1:2-3. In: _____. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1821.
- BIEDERMANN, Hans. *Dicionário ilustrado de símbolos*. Tradução de Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- CECCARELLO, Vera Helena Picolo. *A alegoria do dualismo brasileiro na obra “Dois irmãos” de Milton Hatoum*. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/278901/1/Ceccarello_VeraHelenaPicolo_M.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.

_____. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

GLEDSON, John. Esaú e Jacó. In: _____. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 161-214.

HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MACHADO, Célia Maria Borges. *Memória e narrativa no romance A Majestade do Xingu, de Moacyr Scliar*. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado Estudos Literários) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6SQJED/machado__c_lia_maria_borges_pdf.pdf?sequence=1>. Acesso em: 28 mar. 2017.

SCLIAR, Moacyr. *Contos reunidos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SZKLO, Gilda Salem. *O bom fim do shtetl*: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

TOPEL, Marta Francisca. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia. *Horizonte Antropológico*, Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 203-222, jul. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832003000100009>. Acesso em: 18 mai. 2017.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Tradução de Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros*. São Paulo: Perspectiva, 2003.